

A RELAÇÃO DE AFETIVIDADE HOMEM-TERRA COMO MOTIVAÇÃO PARA AS RESISTÊNCIAS CAMPONESAS DO VALE DO AÇU

Ingrid Jonária da Silva Santos; Ana Joaquina Barbosa de Souza; Zilfran Varela Fontenele

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, ingridjonária@gmail.com. Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, anna_cg11@hotmail.com. Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, zilfran@hotmail.com.)

INTRODUÇÃO

A relação homem-terra sofreu muitas modificações ao longo dos séculos, tornando-se, com o surgimento do capitalismo, menos coadunada e mais pautada nos lucros. Contudo, ainda hoje existem pessoas que têm toda a sua vida sustentada e guiada pela terra, pois este é o lugar onde cresceram, vivem e trabalham, estando essa relação mais intrínseca do que nunca. Este é o caso dos agricultores familiares que têm toda sua estrutura de vida e cultura estritamente ligada à sua relação com a terra. De acordo com Rubinstein e Parmelee (1992), a experiência pessoal e a interação social são dimensões fundamentais que fazem a pessoa se sentir ligada a um espaço e que tornam um lugar como parte de sua identidade.

Apego ao lugar foi desenvolvido inicialmente na psicologia ambiental e é concebido como um vínculo afetivo ou ligação entre pessoas e lugares específicos (HIDALGO; HERNANDEZ, 2001). Hummon (1992) afirma ser o envolvimento emocional das pessoas com os lugares. Para Kyle et al (2004), Apego ao Lugar é entendido como o processo pelo qual os seres humanos formam laços emocionais com lugares. Em outras palavras, o sentido de ser fisicamente e de se sentir "no lugar" ou "em casa" pode ser considerado como um sinal que um indivíduo instituiu um laço emocional a um lugar.(SANTORO, 2014, p. 32)

No caso dos pequenos agricultores a terra onde plantam é muitas vezes a terra em que nasceram ou na qual criaram seus filhos, construindo uma família que se constituía não só de pessoas, mas também do próprio lugar.

As relações de vizinhança e o sentimento de pertencimento ao lugar refletem o apego e a identidade ao lugar. A terra constitui-se o aspecto primordial da relação entre os indivíduos e o lugar, pois é o principal meio de trabalho e sobrevivência da família. (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 58)

Essa relação é econômica, pois é da terra que o agricultor tira o seu sustento, mas é também afetiva, pois foi nessa terra que estes construíram a história da sua vida.

Contrária a essa realidade estão as grandes empresas do agronegócio, que adotam um modelo de exploração de recursos naturais e matérias primas de forma alheia as consequências. Neste caso, não existe uma relação de afetividade entre as empresas e a terra, já que o único fator importante para as mesmas é o lucro.

Na década de 1990, em um período de maior inserção do Brasil em um cenário mundial de globalização econômica, a Multinacional de origem francesa *Del Monte Fresh Produce* iniciava a aquisição de terras na região, especialmente na área rural do município de Ipanguaçu. Seu volumoso capital disponível para investimento facilitou a compra das terras pertencentes as antigas empresas do local, como da maioria dos pequenos proprietários ali existentes. Foram poucos os agricultores que, apesar da grande pressão do mercado, resistiram às investidas das grandes empresas e decidiram manter-se em suas terras, graças a importante relação de afetividade homem-terra existente. É justamente para esses agricultores que esse trabalho se volta.

METODOLOGIA

O *locus* desta pesquisa foi a zona rural do município de Ipanguaçu, localizado no Vale do Açu, microrregião do estado do Rio Grande do Norte. Realizamos um levantamento dos resistentes da região, que são pequenos agricultores que resistiram as propostas de compra de suas terras feitas por parte de grandes empresas. Esse grupo de resistentes, que são o foco de nossa pesquisa, são os agricultores João de Deus da Fonseca (senhor Bebel), João Batista do Nascimento (senhor Cazuzinha), Romoaldo Alves de Oliveira, Francisco Chagas dos Santos e Jonas Cirilo de Oliveira.

Para a fundamentação deste trabalho, começamos com o levantamento bibliográfico acerca dos temas mais congruentes à nossa pesquisa, tais como agronegócio com Gasques, Rezende, Verde, Salerno, Conceição e Carvalho (2004), agricultura familiar, resistências camponesas com Sabourin (2009) e a relação de afetividade do homem para com a terra com Santoro (2014). Utilizamos ainda pesquisas já existentes acerca da história local e regional, tais como Silva (1992) e Albano (2008), para assim termos uma melhor visão da realidade dos agricultores em questão.

Adotamos em nossa pesquisa uma abordagem qualitativa, pois conforme Godoy (1995), esta trata do caráter subjetivo das experiências humanas desses agricultores, que os

levou a perseverar diante de todas as adversidades. Em nossas visitas utilizamos entrevistas semiestruturadas. E partir desse método entramos em contato direto com a realidade dos agricultores e buscamos compreender como a afetividade para com a terra serviu de motivação para levá-los a persistir na agricultura familiar, mesmo com a competição desleal das multinacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em resposta ao questionamento feito sobre os motivos que levaram os agricultores a não venderem suas terras, estes afirmam que o principal seria a relação de afetividade que estes têm para com suas propriedades.

Quanto à relação de afetividade homem-terra, podemos dizer que esta pode ser justificada pela teoria do Apego ao Lugar, que foi concebida inicialmente na psicologia ambiental e é definido como um vínculo afetivo ou ligação entre pessoas e lugares específicos (HIDALGO; HERNANDEZ, 2001). A terra é o berço de praticamente todas as relações humanas do homem do campo, muitas vezes seu trabalho se dá a poucos quilômetros de casa e as relações de trabalho se misturam com as relações familiares, tendo a terra como um forte elo de ligação.

A terra é considerada a base material da existência da família, seja pela fixação desta no lugar, seja pela possibilidade de sua reprodução social advinda da comercialização de algum produto e pelo autoconsumo, pela liberdade de não ter patrão, de não ser assalariado. (ALVES, 2004, p. 209)

Além disso, muitas vezes, eventos como: o casamento, o nascimento e crescimento dos filhos, que são partes importantes da história da família, tem como berço essa terra. Esse é o caso do Senhor João de Deus e seu filho Francisco. O primeiro criou seus filhos no mesmo local onde trabalha e luta pelo sustento da família, e o outro cresceu nessa terra e hoje segue os passos do pai. Francisco afirma: “a gente nasceu e se criou aqui. Nós todos vivemos da propriedade. Então a gente vai vender a propriedade pra viver de que, meu patrão?”. Já no caso de Jonas, outro entrevistado, a terra é uma das maiores lembranças de seu pai, que faleceu no ano passado, e hoje todos os filhos homens trabalham e vivem dessa terra.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa demonstrou que, apesar do avanço das multinacionais em várias regiões do Brasil, e em especial no Vale do Açu, a agricultura familiar tem sido capaz de

resistir, sustentada em parte por uma relação de afeto entre o homem e a terra. Não podemos deixar de destacar que essa resistência da agricultura familiar é extremamente importante para a população brasileira, já que é deste setor que vem a maior parte dos alimentos consumidos no país, visto que as grandes empresas ligadas ao agronegócio voltam seus produtos especialmente para o mercado externo.

A instalação dessas empresas no Brasil, e sobretudo na região do vale do Açu, espaço de nossa pesquisa, afeta a realidade econômica, social e cultural local, na medida em que substitui práticas agrícolas e produtos tradicionais da região, com a introdução de tecnologias, defensivos, fertilizantes e também culturas que muitas vezes não estavam na esfera de produção local.

Através das respostas dos entrevistados foi possível averiguar a consciência que têm do valor e dos valores ligados às suas terras, bem como das dificuldades que enfrentariam caso sucumbissem às propostas de vendas, muitas vezes observando exemplos dos que se desfizeram de suas propriedades na região.

Através da observação dos exemplos de luta diária por seu sustento e da sua família, em meio a tantas adversidades, podemos perceber na resistência destes pequenos agricultores a força da agricultura familiar e sua importância para a economia local, regional e nacional.

Concluimos com a certeza de que se fossem oferecidas medidas governamentais adequadas e políticas públicas eficientes, baseadas em concessão de créditos e apoio técnico, a agricultura familiar poderia alcançar ser ampliada, bem como poderia cumprir uma função social mais consistente e ampla. No entanto, as esferas governamentais têm priorizado o apoio a setores e grupos empresariais abastados, muitas vezes estrangeiros, deixando de cuidar de seu povo, contribuindo para perpetuar a visão de “uma vez colônia, sempre colônia”.

Palavras-Chave: Agricultura familiar, resistências camponesas, agronegócio, afetividade, relação homem- terra.

Fomento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

REFERÊNCIAS

ALBANO, G.P. **Globalização da Agricultura e concentração fundiária no município de Ipangaçu-RN**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

ALVES, Jose. **A Dinâmica agrária do município de Ortigueira(PR) e a reprodução social dos**

produtores familiares: uma análise das comunidades rurais de Pinhalzinho e Vila Rica. 2004. 316 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92840>>.

GASQUES, J.G; REZENDE, G.C; VERDE, C.M.V; SALERNO, M.S; CONCEIÇÃO, J.C.P.R; CARVALHO, J.C.S. **Desempenho e Crescimento Do Agronegócio No Brasil.** Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2004, p.08.

GODOY, A.S. **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3. P, 20-29 Mai./Jun. 1995.

HIDALGO, M.C; HERNÁNDEZ, B. **Place Attachment:** Conceptual And Empirical Questions. Journal of Environmental Psychology Volume 21, Issue 3, 2001, p. 273-281.

MOREIRA, E.V; HESPANHOL, R.A.M. **O Lugar Como Uma Construção Social.** Revista Formação, nº14 volume 2, 2007 – p. 58.

RUBINSTEIN, R.I; PARMELEE, P.A. **Attachment to Place and the Representation of the Life Course by the Elderly. Place Attachment.** Volume 12 of the series Human Behavior and Environment - 1992.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil:** entre a troca mercantil e a reciprocidade. Trad. Leonardo Milani. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTORO, M.A.G. **Análise Da Relação Entre Apego Ao Lugar, Satisfação E Fidelidade Dos Visitantes Em Destinos Turísticos Ambientais:** Um Estudo Em Fernando De Noronha/Pe. Natal: Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Centro De Ciências Sociais, 2014. p. 32.

SILVA, A.G. da. **A Parceria na agricultura irrigada no Baixo Açu.** Natal: CCHLA, 1992.